

CONVERSAS DE VAGALUME: IMA-
GENS DE CONVÍVIO COM O PO-
ETA ENCENADOR

Resumo

>

Memórias de momentos de convivência com o poeta, dramaturgo e encenador João das Neves.

Palavras-chave:

Arte. Arte em cena. Teatro e cidadania. João das Neves.

CONVERSAS DE VAGALUME: IMAGENS DE CONVÍVIO COM O POETA ENCENADOR

MARA VANESSA DUTRA¹

¹ Doutora em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, na linha Cultura e Arte. E-mail: maravaness@gmail.com.

Aprendi o nome de João das Neves quando *O Último Carro* revelou-se como uma guinada no teatro brasileiro, uma montagem ousada em todos os sentidos. Eu, na época uma adolescente que fazia teatro, que amava teatro, me apaixonei por tudo que li e ouvi – embora nunca tenha conseguido assistir à peça.

Anos depois, voltando de um tempo de estudos na Europa, para onde fui buscar um respiro após ter sofrido perseguições e decepções pesadas com o trabalho de campo que realizava junto aos Nambikwara, chego a Belo Horizonte e ouço minha amiga Titane, cantora e militante

dos caminhos da arte, falar de uma montagem que tinha vindo do Acre e sido encenada no Parque Municipal, chamada *Tributo a Chico Mendes*. Ela estava extasiada com a força poética daquela montagem e falava com brilho nos olhos do trabalho de João das Neves, que havia formado o grupo Poronga com atores e não atores acreanos e que fazia um teatro vindo da floresta, ocupando espaços não convencionais.

Por coincidência, eu estava voltando para o Brasil para ir trabalhar com a Aliança dos Povos da Floresta através da Comissão Pró-Índio do Acre. Em Rio Branco, escutei o burburinho sobre o novo trabalho de João das Neves, *Caderno de Acontecimentos*. Esse sim, consegui assistir e ficou gravado na memória. Uma lindeza.

Reviravoltas da vida e, voltando de um trabalho de campo no Juruá, eu fui passar uns meses em Rio Branco, na casa de Clarisse Baptista e Socorro Calixto, e quem estava lá? João das Neves, também passando uma temporada. Era uma casa gostosa, com uma varanda nos fundos voltada para um quintal onde as mangueiras reinavam. Nessa varanda, lembro de João fazendo um por um uma série de bozinhos enfeitados, para o aniversário de um ano de

sua filha Maria João. Uma ternura.

Foi um período no qual nos aproximamos muito. Ele estava mergulhado em seu trabalho de pesquisa junto aos Huni Kuin (Kaxinawá), do qual resultou o belo texto *Yuraiá, o Rio do Nosso Corpo*. Um texto que não foi encenado, embora tenhamos feito, ao longo dos últimos anos, muitas tentativas de captação de recursos para isso. Lembro que quando li o texto pela primeira vez, comentei: isso parece cinema! Como você vai colocar isso em cena? Ele riu, e disse: deixa comigo... é teatro. Ele queria fazer uma encenação incluindo indígena Huni Kuin, construindo um *kupixawa* (casa indígena) e sem cobrar entrada. Foram iniciadas algumas parcerias nesse sentido, mas a obra não conseguiu ser encenada.

Novo intervalo, eu em trabalho de campo e quando volto a Belo Horizonte, Titane e João tinham começado a aliança, o casamento que os abrigou até o final. Tivemos um momento ímpar na Bolívia, onde eu morava na época e para onde conseguimos levar um show de Titane; João era o diretor de cena do espetáculo e cuidava de tudo. Foram muitas dores de cabeça, tanto as reais, por causa da altitude, como as metafóricas, por problemas das mais distintas ordens, mas tudo

funcionou e terminamos brindando a esse mergulho em Nuestra America, latinidade na veia, nossa cara indígena soando na voz de Titane para o estádio lotado: “Juana Azurduy, flor del Alto Perú...”

Em outro momento, João me convidou para participar com ele de uma oficina oferecida pela Casa del Teatro de América Latina, de Cuba, a se realizar entre os indígenas Guarani da região de Misiones, na Argentina. Foi uma experiência maravilhosa, quatro dias de oficina conduzidas por João, com atores de distintas partes da América Latina e com a participação de indígenas Guarani. João trabalhou a partir dos mitos guaranis, narrados por eles. Foi feito todo um trabalho de criação a partir da respiração, do corpo, sem palavras. Ao final, quando todos apresentaram suas “células cênicas” e estavam reunidos no grande pátio, começa a nos chegar uma voz que soa como um lamento, um mantra, um canto ritual – e lá do mato saiu um profeta Guarani, caminhando em direção à Terra Sem Males. Naquele momento, o grande João das Neves sintetizou tudo que havíamos ouvido naqueles dias de convívio com os Guarani, encenando a chegada de um profeta à aldeia. Para finalizar a oficina, os indígenas fizeram um lindo ritual e cada um

de nós ganhou um nome; João tinha orgulho do nome que passou a carregar como um segredo precioso.

E nossas vidas continuaram se esbarrando. João e Titane tiveram sua filha Maria Íris poucos meses depois da chegada de meu primeiro filho. Eles foram morar em Lagoa Santa e a gente sempre sonhando de um dia morarmos todos juntos, ou lado a lado. Isso se concretizou em 2015, quando criamos a comunidade Alegria 10, na qual moravam João, Titane e Maria Íris; eu e meus dois filhos; e Rodrigo Cohen, cenógrafo e figurinista.

Nossas casas na comunidade Alegria 10 eram um espaço constante de criação. Ali acompanhei a escrita da dramaturgia de *Bonecas Quebradas*, texto sobre o feminicídio no México, que João criou de maneira belíssima, com textos curtos que falavam do corpo, depois dos campos de algodão onde os pedaços dos corpos eram encontrados... escolheu um tom altamente poético para falar de crimes duríssimos e trouxe como inspiração Antígona, que quer sepultar o irmão morto e para isso enfrenta o poder do tirano. A cada parte do texto escrito, João lia para nós – puro deleite. Depois ele ia cuidar das flores do jardim, limpar o quintal dos cocôs dos cachorros,

dar comida para as galinhas, caminhar, tocar piano (ah, os momentos em que ele sentava ao piano e tocava, tocava, com toda alma...), ler, cozinhar... Uma vez por semana ele fazia almoço para o coletivo, um macarrão sempre com duas opções de molho, deliciosas. E toda noite, lá estávamos nós, tomando nosso vinho e as sopas maravilhosas, todas criadas por ele. Nas noites fresquinhas ou frias de Minas, era um ritual precioso. Ali ficávamos, entre a sopa, o vinho e o queijo, olhando o quintal e conversando.

Ah, os livros do João! Sua biblioteca é um caso à parte. Ele sempre estava lendo alguma coisa e tinha algo para me apresentar, alguma preciosidade da literatura, que buscava com precisão entre as prateleiras onde os livros conviviam com artesanato de várias partes do Brasil e do Mundo, em arranjos que agradavam imediatamente os olhos e aqueciam o coração de quem fosse com ele em busca de um determinado texto, autor, fragmento. Naquele período, lembro muito de João, pelas manhãs, sentado em seu quartinho de escrita, que ficava no fundo do quintal, dialogando com Emily Dickinson. O artista mergulhado em seu cotidiano, todo feito poesia. E rodeado de beleza,

que ele criava e recriava, a cada dia.

Morando na Bahia, encontro rastros de João. A diretora e professora de teatro Maria Eugênia Milet me fala dele com carinho e admiração, lembrando o período em que o ICBA, Instituto Cultural Brasil-Alemanha, transformou-se no local por excelência da resistência, da criatividade e da trincheira dos artistas e das artes naqueles anos de chumbo da década de 70, sob a gestão de Roland Schaffner², que cita esse período e a parceria do ICBA com João das Neves em seu livro *Memoráveis Paixões Transculturais*. Sobre o que significou aquele período e o reduto do ICBA, esse texto do blog Anos 70 Bahia é revelador:

O Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA, hoje Instituto Goethe) era um reduto de pura arte, uma referência na cultura da Bahia em pleno período da ditadura. Localizado em ponto estratégico no Corredor da Vitória, firmou-se nos anos 70 como território livre da dança, teatro, música, cinema. O bar fervilhava de gente interessante. Dirigido com brilho e coração por Roland Schaffner, o ICBA era a casa do Intercena, da Banda do Companheiro Mágico, da Jornada de Cinema, do Sexteto do Beco e do Baiafro de Djalma Correia, aglutinando as tribos e gerando acontecimentos participativos com total liberdade de expressão. Não havia censura nesse espaço: por ser território com status estrangeiro, dava certa segurança. A Jornada de Cinema, liderada por Guido Araújo, começou no ICBA. Também foram criadas em seu território as cooperativas artísticas, núcleo de vídeo, quadrinhos, formação de ator e música eletrônica. (2016, s/p.)

² SCHAFFNER, Roland. *Memoráveis paixões transculturais*. Salvador: Edufba, 2011

O último livro escrito por João (e ainda no prelo) foi o relato sobre o Grupo Opinião – um relato vivo, intenso, humano e corajoso, necessário para a história do teatro brasileiro. João dizia: sou o único sobrevivente, tenho que contar essa história. E como contou! Ali ele narra seu tempo na Bahia, do qual carregou, pelo resto da vida, os conselhos de Mãe Menininha e as oferendas para Oxóssi.

No rico período do Alegria 10, em Lagoa Santa, muitas outras coisas aconteceram. João realizou várias edições da Casa dos Pequizeiros, quando ele recebia um artista na laje de sua casa entre os pés de pequi, transformada em espaço cênico, para uma noite de música, poesia, literatura, vinhos e queijos. Noitadas inesquecíveis. Receber um convite do João para uma Casa dos Pequizeiros era sempre uma honra e uma certeza de momentos de pura arte e beleza.

A última coisa que assisti no espaço da Casa dos Pequizeiros, em 2017, foi um ensaio de *Lazarillo de Tormes*, texto escrito por ele, e último espetáculo em que atuou como ator. Aquele ensaio, feito para nos dar o gostinho de assistir ao que estava sendo criado, foi uma explosão de energia e vitalidade. João tinha 83 anos e saltava e ca-

briolava no palco feito um moleque.

Foi também naquele ano de 2015 que se realizou a Ocupação João das Neves no Itaú Cultural. Participar, mesmo que tangencialmente, da montagem daquela exposição me permitiu um mergulho profundo na obra humana, vasta, riquíssima, desse diretor, dramaturgo, encenador, poeta. Desse menino cantante e brincante. Desse guerreiro que nunca arredou o pé da luta. Desse homem simples que criava beleza e harmonia por onde passava, cuidando de flores e bichos. Desse artista refinado, descobrindo sempre novos mundos. Desse menino alegre com cada aniversário, quando ele era quem nos presenteava: um desenho, um livro, um poema... Um homem de teatro, como sempre se definiu, que nunca se permitiu parar de inovar e pesquisar e avançar nas linguagens cênicas, para quem a arte era a própria vida. Uma daquelas pessoas que faz da vida uma arte e que vive da arte de uma forma profundamente honesta, radicalmente livre e totalmente cidadã.

João permanece; sua arte, sua luta, seu olhar maravilhado e descobridor para com as coisas pequenas e simples, para com os artistas do Vale do Jequitinhonha (encenou *Maria Lira* e escreveu *Ulisses*), para

com os Huni Kuin, com os quais selou amizade para toda vida. Permanece a necessidade de artistas como ele, que conseguem enxergar este país, que trabalham com rigor e sem afetação, com ousadia e coragem, que acolhem atores e não atores no mesmo desafio, que transforma as *Primeiras Histórias*, de Guimarães Rosa em uma experiência sensorial, rica e distribuída no chão do Parque Lagoa do Nado, que, aos 82 anos de idade, acampa por dias e dias na Funarte para garantir a continuidade do Ministério da Cultura... Permanece o amigo, o artista, o inspirador de tanta gente. Que continuará inspirando. Como ele mesmo disse: “Eu permaneço/ na luz dos vagalumes/ tecendo estrelas” (NEVES, 2018, s/p.).

REFERÊNCIAS

ICBA, território livre da arte. **Anos 70 Bahia**, 18 jun. 2016. Disponível em: <<http://anos70ba.blogspot.com/2016/06/icba-territorio-livre-da-arte.html>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

NEVES, João das. Aos que me amam. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1033548796685043/photos/aos-que-me-amameu-permane%C3%A7ocom-o-azul-das-montanhas-no-horizonteeu-permane%C3%A7ono-a/2065005496872696/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

Abstract

Memories of moments of coexistence with the poet, playwright and director João das Neves.

Keywords

Art. Art on stage. Theater and citizenship. João das Neves.